

WAYNE GRUDEM

TEOLOGIA DA
“LIVRE
GRAÇA”

5 MANEIRAS EM QUE ELA
DIMINUI O EVANGELHO



A chamada “controvérsia do senhorio” ocorre já há várias décadas. Grudem responde a questões sobre esse tema com clareza e habilidade incomuns, sempre com base nas Escrituras.

John MacArthur, pastor da igreja Grace Community Church (Califórnia) e diretor do The Master’s College and Seminary

A versão do evangelho de Jesus Cristo conhecida como “livre graça” é antibíblica, antievangélica e subcristã, como demonstra a análise paciente e inteligente de Wayne Grudem.

J. I. Packer, professor emérito de Teologia na Regent College (Canadá) e autor de *O Deus que nos guia e guarda*, *Força na fraqueza* e *Caminhando no poder do Espírito* (Vida Nova)

Com graça, paciência, sensibilidade pastoral e honestidade, Wayne Grudem analisa cuidadosamente o ensinamento bíblico a respeito do evangelho e do evangelismo e, ao mesmo tempo, avalia de forma crítica o ensinamento conhecido como livre graça. Por mais bem intencionada que seja essa posição, Grudem demonstra que ela apresenta problemas em cinco áreas. Ele é justo em sua análise, citando os textos integrais de defensores da livre graça e examinando com atenção os textos bíblicos. Recomendo o livro como alguém que já se envolveu em debates semelhantes sobre esse tema com pessoas que defendiam a posição da livre graça; pessoas que tanto Grudem quanto eu respeitamos.

Darrell L. Bock, diretor-executivo de engajamento cultural do Howard G. Hendricks Center; professor pesquisador titular de Estudos do Novo Testamento do Dallas Theological Seminary

No cristianismo evangélico, há uma forma de apresentação das doutrinas bíblicas da graça que, na verdade, deprecia o que a Bíblia ensina acerca da graça, embora pretenda desenvolvê-la mais e ressaltá-la. Nesse livro, Wayne Grudem examina essa forma de ensino com cuidado, generosidade, sabedoria e de uma perspectiva pastoral. Trata-se de uma questão que especialmente pastores e aqueles que se preparam para o ministério precisam analisar com clareza, pois confusão no que ensinamos e pregamos a respeito desse tema pode prejudicar o rebanho e nosso testemunho.

J. Ligon Duncan III, chanceler e CEO do Reformed Theological Seminary, Jackson, Estados Unidos

Sempre muito justo e pacífico, o estudioso do Novo Testamento e conceituado teólogo Wayne Grudem é implacável com os expoentes do chamado evangelho da livre graça ao revelar o preocupante padrão de leitura seletiva que fazem dos léxicos gregos de referência, bem como de conhecidos teólogos, causando a ilusão de que essas fontes apoiam a posição deles. Grudem não apenas destrói um castelo de cartas, mas também apresenta, de modo pastoral, o que o Novo Testamento nos diz a respeito da natureza do evangelho, do arrependimento, da fé e da certeza de salvação. A crítica de Grudem é uma dádiva de amor à igreja universal e, especialmente, aos que estão sujeitos ao domínio de doutrinas enganosas.

R. Kent Hughes, professor visitante de Teologia Prática do Westminster Theological Seminary

A chamada “controvérsia do senhorio” tem estado em efervescência há algumas décadas. Sou grato pelas diversas novas fontes que abordam essas questões de forma exata e sucinta. O livro de Wayne Grudem em especial é uma interação excelente e muito útil das principais questões doutrinárias e bíblicas em debate. Ele responde a essas questões com clareza e habilidade incomuns, sempre com base nas Escrituras.

John MacArthur Jr., pastor da igreja Grace Community Church, Sun Valley, Califórnia, Estados Unidos, e presidente do The Master’s College and Seminary

Crença sem compromisso e certeza de salvação sem ação são as características principais da versão do evangelho de Jesus Cristo conhecida como livre graça. Trata-se, porém, de uma perspectiva antibíblica, antievangélica e subcristã, como expõe com clareza a análise paciente e repleta de informação de Grudem.

J. I. Packer, professor de Teologia do conselho administrativo do Regent College

O livro de Wayne Grudem acerca da livre graça é o melhor que já li a respeito do assunto e o recomendo com entusiasmo por várias razões. Primeira, a obra está repleta de passagens bíblicas, mostrando-nos repetidas vezes o que dizem as Escrituras. Segunda, as explicações de Grudem são tão claras que praticamente qualquer cristão é capaz de ler e entender o livro. Terceira, o livro é surpreendentemente gentil, generoso e bondoso. Grudem não parte para o ataque. Ele ama aqueles de quem discorda e esse amor resplandece por todo o livro. Quarta, Grudem reconhece que a questão é de suma importância, pois diz respeito à natureza do evangelho que pregamos e proclamamos.

Ele argumenta de maneira convincente que as obras são um fruto necessário da salvação, o que não ameaça a gratuidade da graça, mas sustenta o que grandes reformadores ensinaram a respeito da salvação.

Thomas R. Schreiner, professor da cátedra James Buchanan Harrison de Interpretação do Novo Testamento e decano adjunto da faculdade de teologia do Southern Baptist Theological Seminary

Esse livro excelente e perspicaz é muito necessário para a igreja de hoje, em especial por causa do enfoque cada vez maior na natureza do evangelho. Sua análise do chamado movimento da livre graça é clara, totalmente bíblica e muito persuasiva. Ele analisa de forma incisiva, ainda que benevolente, as visões daqueles que defendem essa concepção equivocada do evangelho da graça de Deus em Jesus Cristo. Todos os cristãos se beneficiarão imensamente com a leitura da análise de Grudem. Recomendo sobremaneira esse livro.

Sam Storms, pastor líder de pregação e visão da igreja Bridgeway Church, Oklahoma City, Oklahoma, Estados Unidos

Esse livro é generoso, porém firme, em suas penetrantes análises do movimento da livre graça. A soteriologia desse movimento é absolutamente coerente, mas muitíssimo errada. Grudem examinou diversos textos e questões fundamentais de forma bondosa e gentil. Recomendo esse livro a todos os interessados no movimento da livre graça e em suas implicações para o evangelho.

Daniel B. Wallace, professor titular de Estudos do Novo Testamento do Dallas Theological Seminary

De modo atento e com profunda argumentação bíblica e histórica, Grudem utiliza seu lúcido raciocínio para mostrar em que aspectos a perspectiva da livre graça tem errado. Uma vez que essa discordância está relacionada à própria natureza do evangelho, da fé salvadora e da certeza de salvação, é fundamental que os cristãos entendam de maneira correta o que as Escrituras ensinam a respeito dessas questões. A obra *Teologia da "livre graça"* é um excelente guia para entender por que a visão protestante e reformada tradicional acerca desse assunto representa com acerto o ensino bíblico e em que aspectos a perspectiva da livre graça se equivoca. Todos os cristãos podem se beneficiar com a leitura desse livro para crescer em clareza e convicção de entendimento a respeito do que a salvação somente pela fé de fato significa.

Bruce A. Ware, professor da cátedra T. Rupert e Lucille Coleman de Teologia Cristã do Southern Baptist Theological Seminary

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	15
Introdução	17
A. O que é o evangelho da livre graça?	19
B. Por que eu não uso a expressão <i>salvação pelo senhorio</i>	22
Capítulo 1 Não há o “só pela fé” da Reforma	27
A. Líderes protestantes ao longo da história têm sistematicamente discordado da posição da livre graça	28
1. João Calvino	28
2. Fórmula de Concórdia	29
3. Trinta e Nove Artigos da Igreja Anglicana	30
4. Confissão de Fé de Westminster	30
5. Confissão de Fé Batista de New Hampshire	30
6. John Wesley	31
7. Declaração de Verdades Fundamentais das Assembleias de Deus	31
B. Por isso, o atual movimento da livre graça não defende a doutrina <i>sola fide</i> , ou da “justificação só pela fé”, da Reforma	32
C. Não há dificuldade lógica em alegar isso	35
D. Por que o significado correto de “justificação só pela fé” é tão importante?	38
Capítulo 2 Não há chamado ao arrependimento de pecados	41
A. O arrependimento de pecados no Novo Testamento	41
1. O arrependimento de pecados em muitos resumos centrais do evangelho	41
2. O arrependimento de pecados em algumas narrativas nas quais Jesus lida com indivíduos	46
3. O arrependimento de pecados nas confissões de fé protestantes	47

4. Por que o arrependimento não é mencionado no Evangelho de João?	48
B. Duas explicações diferentes da livre graça para os versículos que falam a respeito do "arrependimento"	54
1. Uma "mudança de pensamento" necessária.....	54
2. Uma decisão opcional de afastar-se do pecado	65
C. A fé salvadora, porém, não <i>envolve</i> obediência.....	69
D. Conclusão: um evangelho enfraquecido	73
Capítulo 3 Falsa certeza	75
A. O evangelho enfraquecido da livre graça resulta em muitas pessoas não salvas	75
B. Muitas vezes, as epístolas do Novo Testamento alertam os frequentadores de igrejas que alguns deles podem não ser salvos	76
C. A visão da livre graça afirma que as pessoas podem tornar-se absolutamente incrédulas, mas ainda assim serem salvas	79
D. O ensinamento da livre graça a respeito da certeza de salvação comete um erro de categoria fundamental	82
E. A visão histórica protestante não afirma que a certeza de salvação é algo impossível, mas exatamente o oposto...	91
Capítulo 4 Pouca ênfase sobre a confiança na pessoa de Cristo	95
A. Alguns defensores da livre graça afirmam que a fé equivale a mero assentimento intelectual.....	95
B. Outros defensores da livre graça dizem que a fé envolve confiar na pessoa de Cristo	97
C. Ambos os grupos deixam de enfatizar o elemento da confiança sincera na pessoa viva de Cristo	101
D. A fé salvadora exige confiança na <i>pessoa</i> de Cristo, e isso significa que a aceitação intelectual dos fatos <i>a respeito de</i> Cristo, sem confiança pessoal em Cristo, não é fé salvadora	102

1. A fé salvadora é descrita como aproximar-se de Cristo.....	103
2. A fé salvadora é retratada como receber a Cristo...	103
3. A fé salvadora é descrita como crer em algo de todo o coração	104
4. A fé salvadora é retratada como crer em uma pessoa ..	104
E. Os equívocos da livre graça a respeito dos escritos de B. B. Warfield sobre a necessidade da decisão de confiar em Cristo de maneira pessoal	108
Capítulo 5 Interpretações improváveis	115
A. Alguns exemplos de interpretações improváveis	115
1. Lucas 16.30	116
2. João 15.1,2.....	117
3. João 15.6	119
4. Atos 11.18.....	120
5. Atos 17.30.....	121
6. Atos 26.19,20.....	122
7. Romanos 10.9-13.....	124
8. 2Coríntios 13.5	126
9. Tiago 2.14-17.....	127
10. Tiago 2.26.....	129
11. Tiago 5.19,20	131
Conclusão	137
A. Resumo do argumento deste livro	137
B. Temas não abordados neste livro	138
C. O que aprecio no movimento da livre graça?.....	139
D. Minha esperança para o futuro.....	140
<i>Bibliografia</i>	143
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	149
<i>Índice remissivo</i>	153

Introdução

É com alguma relutância que escrevo este livro. Muitas pessoas que defendem a posição da livre graça,¹ das quais discordo nas páginas a seguir, têm sido minhas amigas por anos, até décadas. Elas defendem com firmeza a total inerrância da Bíblia, a Trindade, a plena divindade de Cristo, a expiação vicária de nossos pecados por Cristo, além de dezenas e dezenas de outras convicções doutrinárias importantes. Muitas delas vivem de maneira cristã exemplar. São genuínos irmãos e irmãs em Cristo e valorizo muito sua amizade e parceria na obra do reino de Deus aqui na terra. Por isso, considero este livro parte de um debate sério e honesto sobre uma controvérsia importante, mas uma controvérsia que ainda está entre amigos.

No entanto, esta obra vai além da controvérsia sobre a livre graça. Ela analisa a natureza do evangelho que proclamamos ao evangelizar. O Novo Testamento enfatiza de modo constante a necessidade de arrependimento do pecado (no sentido de uma decisão interior de converter-se do pecado) como parte essencial da verdadeira fé salvadora. À medida que trabalhava neste livro, fiquei cada vez mais preocupado com o fato de que grande parte do cristianismo evangélico contemporâneo apresenta uma tendência em evitar ou amenizar qualquer chamado para que incrédulos se arrependam sinceramente de seus pecados (não apenas que

¹Wayne Grudem utiliza a expressão *free grace* — que aqui traduzimos por “livre graça” — para se referir ao posicionamento teológico segundo o qual, para que sejamos salvos, a graça divina não requer, além da fé (aceitação intelectual do evangelho), nenhum tipo de arrependimento pelo pecado (tristeza pelo pecado, desejo de abandoná-lo e conversão a Deus) nem mesmo a presença de obras que validem a fé. “Livre graça” não está aqui associado ao conceito desenvolvido por John Wesley na pregação de um sermão sobre Romanos 8.32, em que ele estabelece um contraste entre a “graça livre” de Deus, que ele entende ser “livre em todos” e “para todos”, e a “graça irresistível” do calvinismo, que se aplica apenas aos eleitos. (N. do E.)

“mudem de pensamento”) como parte da decisão de crer em Cristo para o perdão desses pecados (veja o cap. 2).

Este livro também trata da certeza da salvação. De que maneira posso saber se de fato sou um cristão nascido de novo e como posso saber que estarei eternamente salvo? Preocupa-me que haja bastante incerteza sobre essa segurança de salvação no mundo evangélico de hoje, por esse motivo, tentei explicar o que o Novo Testamento diz a respeito dessa certeza e também analisar com sensibilidade a questão do cuidado pastoral de pessoas que têm dúvida se são verdadeiramente salvas (veja o cap. 3).

Por fim, este livro lida com a natureza da fé salvadora no Novo Testamento, explicando que se trata de um conceito mais completo e profundo que a mera crença de que as palavras da Bíblia são factuais e historicamente verdadeiras (embora esse aspecto seja importante). A fé salvadora envolve começar um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, aproximar-se de sua presença e decidir colocar nossa confiança nele como uma pessoa viva e divina que nos vê e ouve a cada instante e que conhece os pensamentos mais profundos do nosso coração. Preocupa-me o fato de que essa ênfase em confiar na *pessoa* de Cristo esteja muitas vezes ausente em nosso evangelismo atual (veja o cap. 4).

O que descobri como verdadeiro em muitos debates teológicos do passado foi também constatado no debate diante de nós: o Senhor tem diversos propósitos ao permitir uma controvérsia doutrinária em sua igreja. De modo particular, tenho a forte impressão de que o Senhor não nos queria apenas discordando de forma bondosa daqueles que defendem a posição da livre graça, mas também atentos na consideração do nosso entendimento e prática com respeito à natureza do evangelho, do arrependimento, da fé salvadora e da certeza de salvação.

Muitos evangélicos contemporâneos, que jamais ouviram acerca do movimento da livre graça, acabaram de algum modo aproximando-se demais, ainda que de forma inconsciente, de seus ensinamentos. Tornaram-se muito tímidos em sua exortação para

que os incrédulos se arrependam de seus pecados ao colocar a confiança em Cristo (em parte, porque vivemos em uma cultura que condenaria qualquer chamado ao arrependimento como algo legalista e crítico), muito vagos ao explicar o que significa confiar pessoalmente em Cristo e inseguros demais quanto à maneira pela qual se pode assegurar a salvação dos membros de nossas igrejas e ao momento de fazê-lo.

Por todas essas razões, espero que este livro seja útil para os cristãos evangélicos de nossos dias.

A. O que é o evangelho da livre graça?

A posição teológica da livre graça afirma que somos justificados *só pela fé*.² Não discordo da afirmação em si; aliás, a justificação somente pela fé tem sido uma das principais doutrinas protestantes desde os tempos de Martinho Lutero e da Reforma Protestante.³

O problema surge quando o movimento da livre graça entende o “só” da expressão “justificados só pela fé” de uma forma totalmente inusitada. Os protestantes costumam entender o “só” com o sentido de que nada mais *auxilia* ou *contribui* para que alcancemos

²Por exemplo, o “pacto” que define a posição doutrinária da Free Grace Alliance [Aliança da Livre Graça] diz: “A graça de Deus na justificação é uma dádiva incondicional e livre de exigências” e: “A única forma de receber o dom gratuito da vida eterna é pela fé no Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, cuja morte vicária na cruz satisfaz plenamente o que era necessário para nossa justificação”. Texto disponível em: www.freegracealliance.com/covenant.htm, acesso em: 19 jan. 2015.

³Veja nas análises mais adiante evidências de muitos líderes protestantes. A expressão “justificação só pela fé” capta a importante discordância entre protestantes e católicos romanos, uma vez que estes creem que nossa salvação ocorre pela fé juntamente com o uso dos meios de graça. Na teologia protestante, *justificação* é definida da seguinte forma: “Justificação é um ato legal e instantâneo de Deus no qual ele (1) considera nossos pecados perdoados e a justiça de Cristo como pertencente a nós, e (2) declara-nos justos a seus olhos” (Wayne Grudem, *Systematic theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1994), p. 723 [edição em português: *Teologia sistemática*, ed. esp. (São Paulo: Vida Nova, 2011)]).

a justificação de Deus. Nossa fé é tudo o que Deus requer de nós — não boas obras, ofertas de sacrifícios, realizações de rituais ou cerimônias nem o uso de algum meio de graça, mas somente a fé.

Entretanto, os defensores da livre graça foram além da afirmação de que Deus não exige nada mais do que a nossa fé ao nos justificar. Eles acrescentaram uma alegação: essa fé *ocorre sozinha* quando uma pessoa é justificada, de modo que nenhuma outra ação humana necessariamente acompanha a fé (como arrependimento de pecados ou a prática de boas obras depois da justificação).⁴

Então, uma vez que argumentam que “nada mais deve estar necessariamente presente” com a fé, o movimento da livre graça ensina que é errado afirmar que:

o arrependimento de pecados deve acompanhar a fé

ou que

há outras atividades humanas indispensáveis resultantes da fé, como *boas obras* ou perseverança na fé.⁵

Esse entendimento da livre graça a respeito da “justificação só pela fé” leva a diversas práticas pastorais significativas como:

⁴Os defensores da livre graça por certo *incentivam* boas obras como a reação “normal” e “esperada” à graça salvadora de Deus, mas insistem que a fé salvadora não precisa necessariamente produzir boas obras.

⁵Por exemplo, o pacto da Free Grace Alliance afirma: “O evangelho da graça deve ser sempre apresentado com clareza e simplicidade, a fim de não deixar qualquer impressão de que a justificação exige algum passo, alguma reação ou ação, além da fé no Senhor Jesus Cristo”. Portanto, sua literatura argumenta que o arrependimento de pecados não é parte necessária da fé salvadora (a maioria deles define *arrependimento* apenas como uma “mudança de pensamento”, e não uma decisão interior de afastar-se do pecado). Eles também argumentam que não se deve dizer que boas obras necessariamente acompanham a fé salvadora. (Apresento nas páginas a seguir documentos sobre esses aspectos, extraídos de autores que defendem a livre graça.)

No evangelismo. As mensagens evangelísticas, de forma geral, devem evitar quaisquer exortações ao arrependimento como uma decisão interior de afastar-se do pecado (isso é considerado acréscimo de “obras” à fé).

Ao dar garantias a pessoas que negam sua fé. Pessoas que entenderam de forma correta o evangelho e afirmaram de modo sincero crer em Cristo em algum momento no passado, mas agora afirmam não mais crer em Cristo, provavelmente ainda estão salvas, de modo que podemos lhes assegurar que estão salvas (porque a fé justificadora é um ato único).

Ao advertir pessoas que insistem em condutas pecaminosas. A conduta pecaminosa de um cristão professo não deveria, em geral, ser usada como base para alertá-lo de que talvez não seja salvo (em vez disso, deveríamos afirmar que essa pessoa está sendo insensata em não viver de acordo com quem ela na realidade é).

Ao dar garantias a pessoas que continuam a praticar boas obras. A conduta de vida justa e piedosa de um cristão professo (“boas obras”) em geral não deveria ser usada como base para dar a essa pessoa a certeza de salvação.

Qual é a origem do movimento contemporâneo da livre graça? Conforme as informações que tenho, o movimento surge principalmente de uma visão minoritária entre membros do corpo docente do Dallas Theological Seminary. De modo mais específico, origina-se de uma divulgação intensa da perspectiva da livre graça por Zane Hodges (1932-2008), que ensinou Novo Testamento no Dallas Theological Seminary por 27 anos, de 1959 a 1986.

Essa origem recente, contudo, não significa que o movimento seja insignificante. Embora apenas uma minoria dos professores do Dallas Theological Seminary defendesse a visão da livre graça, Zane Hodges era um professor excepcionalmente persuasivo, de modo que todos os anos alguns alunos adotavam sua visão. Então,

por meio desses alunos, o movimento da livre graça conquistou uma notável influência mundial, principalmente ao dissuadir os cristãos de incluírem exortações explícitas ao arrependimento em suas apresentações do evangelho. (Eu me surpreendi com o número de líderes cristãos de várias partes do mundo que me disseram: “Fico feliz por você escrever sobre isso”.)

B. Por que eu não uso a expressão *salvação pelo senhorio*

Alguns leitores podem se perguntar por que eu não uso a expressão *salvação pelo senhorio* ao tratar da visão contrária à livre graça. Na verdade, as questões que analiso aqui já foram mencionadas em anos anteriores como a “controvérsia da salvação pelo senhorio”.⁶ Contudo, à medida que pesquisava o tema, tornava-se cada vez mais claro que a expressão *salvação pelo senhorio* era definitivamente enganosa e uma síntese não satisfatória das questões centrais envolvidas.⁷ Em termos mais

⁶Observe-se, por exemplo, os títulos dessas obras: Zane Hodges, *Absolutely free! A biblical reply to Lordship salvation* (Grand Rapids: Zondervan, 1989); Kenneth Gentry, *Lord of the saved: getting to the heart of the Lordship debate* (Phillipsburg: P&R, 1992; reimpr., Fountain Inn: Victorious, 2001); Michael Horton, org., *Christ the Lord: the Reformation and Lordship salvation* (Grand Rapids: Baker, 1992; reimpr., Eugene: Wipf & Stock, 2008); Charles Bing, *Lordship salvation: a biblical evaluation and response* (Maitland: Xulon, 2010).

⁷Fiquei feliz ao ver que John MacArthur Jr. disse com clareza: “Não gosto da expressão *salvação pelo senhorio*. Rejeito a conotação pretendida por aqueles que a cunharam. Ela sugere que um coração submisso é irrelevante ou complementar à fé salvadora. Embora eu tenha, com relutância, usado a expressão para descrever minhas perspectivas, trata-se de uma concessão ao uso popular” (John F. MacArthur Jr., *Faith works: the gospel according to the apostles* [Dallas: Word, 1993], p. 23 [edição em português: *O evangelho segundo os apóstolos* (São José dos Campos: Fiel, 2011)]). O costume de se referir a esse debate como a “controvérsia da salvação pelo senhorio” provavelmente tem sua origem em um artigo com duas partes da outrora popular revista *Eternity* 10.9 (September 1959), “Must Christ Be Lord to Be Savior? No ... Yes” [Jesus deve ser Senhor para ser Salvador? Não... Sim], p. 13-8, 36, 48, com Everett Harrison argumentando a favor do *não* e John Stott, a favor do *sim*, em páginas diferentes. Embora o título daquele artigo indicasse

populares e breves, a controvérsia era algumas vezes resumida da seguinte forma:

- 1) Algumas pessoas acreditam que você pode aceitar Jesus *como Salvador, mas não como Senhor* (a posição da livre graça).
- 2) Outras pessoas acreditam que você precisa aceitar Jesus como *Salvador e Senhor* (aqueles que não defendem a posição da livre graça, mas a posição designada “salvação pelo senhorio”).

O problema é que nenhum dos lados jamais ganhará ou perderá o debate enquanto a abordagem for estruturada dessa perspectiva. Os representantes da livre graça, que defendem a primeira posição, ainda declaram enfaticamente que Jesus é de fato Senhor sobre todo o universo e sobre nossa vida, embora nossa submissão ao seu senhorio seja imperfeita.⁸ E os representantes da perspectiva contrária à livre graça, defendendo a segunda posição, concordam de maneira unânime que nossa submissão ao senhorio de Cristo é imperfeita nesta vida.⁹

algumas diferenças entre os dois autores, ele o fez de forma imprecisa e confusa, uma vez que Stott jamais afirma que uma submissão *perfeita* ao senhorio de Cristo é necessária a uma fé salvadora, mas que “na fé verdadeira há um elemento de submissão” (p. 17), enquanto Harrison defende que “Cristo é Senhor em virtude da ressurreição, quer isso seja pessoalmente reconhecido por uma pessoa, quer não” (p. 16). O artigo teria tratado da questão com mais precisão se a pergunta fosse: “O arrependimento de pecados é uma parte necessária da fé salvadora?” (Harrison: não; Stott: sim), e: “Prática de boas obras e perseverança na fé são consequências necessárias da fé salvadora?” (Harrison: não; Stott: sim).

⁸Charles Bing diz: “Embora tanto a posição da salvação pelo senhorio quanto a posição da livre graça concordem que o senhorio de Cristo é fundamental para a salvação, há desacordo quanto à maneira pela qual uma pessoa não salva deve responder ao senhorio de Cristo para ser salva. [...] Jesus é Senhor sobre todos independentemente da submissão de uma pessoa a ele” (*Lordship salvation*, p. 178-9).

⁹John MacArthur afirma: “Estou certo de que, ainda que alguns indivíduos entendam mais claramente que outros, nenhuma pessoa salva compreende na íntegra todas as implicações do senhorio de Jesus no momento da conversão”.

Portanto, ambas as posições concordam que Jesus é Senhor de nossa vida em algum sentido, mas não totalmente Senhor de nossa vida em outro sentido. A tentativa de definir de forma exata *o quanto* Jesus deve ser reconhecido como Senhor em uma fé salvadora genuína é uma tarefa cada vez mais confusa e simplesmente não traz muita clareza ao debate. Portanto, não pretendo tratar da questão do senhorio de Cristo no restante deste livro. Não creio que essa seja a melhor forma de abordar o assunto.

Além disso, quando os defensores da livre graça se referem à posição que discorda deles como a da “salvação pelo senhorio”, sugerem, de modo equivocado, tratar-se de uma visão minoritária ou incomum que tenta acrescentar a ideia de senhorio ao já conhecido conceito de salvação. Na verdade, o que o movimento da livre graça chama de concepção da “salvação pelo senhorio” tem sido sem reserva a visão evangélica protestante mais comum e predominante desde a Reforma. Não se trata de modo algum de uma inovação ou de uma minoria, pois tem sido sustentada por todas as principais vertentes do protestantismo (veja o cap. 1).

Minha própria conclusão é que há diferenças importantes que dizem respeito a dois outros temas:

- 1) se o arrependimento de pecados (no sentido de remorso por causa do pecado e de uma decisão interior de abandoná-lo) é necessário para a fé salvadora, e
- 2) se boas obras e perseverança na fé necessariamente procedem da fé salvadora.

Mas acrescenta uma observação, afastando-se da posição da livre graça: “Estou, contudo, de igual modo certo de que ninguém pode ser salvo se não estiver disposto a obedecer a Cristo, ou se, de forma consciente e obstinada, estiver em rebelião contra seu senhorio” (*The gospel according to Jesus: what is authentic faith?*, ed. de aniversário [Grand Rapids: Zondervan, 2008], p. 15 [edição em português: *O evangelho segundo Jesus* (São José dos Campos: Fiel, 2010)]).

As duas posições discordam de forma clara e explícita em suas respostas a essas questões. E nosso debate deveria focalizar esses dois temas. Em minha perspectiva, insistir em tratamentos que abordem o assunto como a “controvérsia da salvação pelo senhorio” apenas produzirá mais confusão. Nas páginas a seguir, vou me referir às duas posições simplesmente como posição da “livre graça” e posição “protestante histórica” (ou, algumas vezes, como posição da “não livre graça”).

Nesta etapa do livro, alguém poderia perguntar por que me refiro à posição de que discordo como posição da livre graça. Afinal, todos os protestantes não creem que a graça é livre, gratuita, desacompanhada de exigências? Minha resposta é: sim, todos os protestantes ortodoxos creem na doutrina da gratuidade da graça, mas é sempre de bom tom nos referirmos à posição de que discordamos com a expressão descritiva que ela escolheria para si. Além disso, a expressão “livre graça” costuma ser usada por duas organizações que defendem essa visão: tanto a Free Grace Alliance [Aliança da Livre Graça]¹⁰ como a Grace Evangelical Society [Sociedade Evangélica da Graça].¹¹

Pela mesma razão, espero que nenhum crítico deste livro venha a se referir à minha posição como posição da “salvação pelo senhorio”, pois explicitamente rejeito esse rótulo como enganoso e confuso (veja análise anterior). Ao longo do livro, refiro-me com frequência à minha posição como “protestante histórica” (às vezes, como a posição da “não livre graça”), e tento demonstrar, no capítulo 1, que meu argumento defende a perspectiva historicamente sustentada pelos mais influentes líderes e confissões de fé das diversas ramificações do protestantismo histórico, incluindo representantes

¹⁰Veja seu site em: www.freegracealliance.com.

¹¹Veja seu site em: www.faithalone.org. Nos ambientes cristãos, é comum fazer referência aos grupos pelos nomes que eles mesmos escolheriam, como “baptistas” (mesmo que quase todas as igrejas criam no batismo) ou “congregacionais” (ainda que todas as igrejas tenham congregações).

de grupos luteranos, reformados, anglicanos, batistas, metodistas e pentecostais.¹²

Minhas preocupações com o movimento da livre graça, no entanto, não estão limitadas às diferenças teológicas nesses dois temas acima. Estou convencido de que a posição teológica defendida pelo movimento da livre graça é também incoerente com as convicções protestantes *históricas* e produz consequências danosas à igreja atual. Portanto, apresentei de forma estruturada minhas preocupações em cinco capítulos. Nesses capítulos, essas duas diferenças em torno do arrependimento e das boas obras surgirão diversas vezes. O primeiro capítulo lida com a história do protestantismo, ao passo que os quatro restantes lidam com minhas inquietações acerca das consequências práticas dos ensinamentos da livre graça.

¹²Apesar de meu livro *Teologia sistemática* (São Paulo: Vida Nova, 2011) deixar claro que pessoalmente defendo doutrinas que me identificariam nas tradições teológicas reformada e batista (e afinidade com alguns dos ensinamentos do movimento carismático), a posição que defendo aqui é mais “protestante histórica” do que tão somente representante de alguma dessas três tradições.

1

Não há o “só pela fé” da Reforma

O movimento da livre graça não ensina a doutrina da “justificação só pela fé” da Reforma.

Quando as pessoas ouvem pela primeira vez os representantes da livre graça afirmarem que defendem a “justificação só pela fé”, suas palavras cativam, pois até cristãos com pouco conhecimento teológico lembram-se de que todos os protestantes defendem a justificação só pela fé. O que não fica claro, a princípio, é que o movimento da livre graça ensina uma visão inovadora e distorcida da justificação só pela fé, que jamais foi ensinada pelos grandes líderes da Reforma Protestante. Na verdade, em seu núcleo central, o movimento da livre graça se baseia em um equívoco quanto à função da palavra *só* nas declarações protestantes históricas de que a justificação ocorre somente pela fé.

A posição protestante histórica tem sido resumida muitas vezes com uma breve frase:

Somos justificados *só* pela fé, mas a fé que justifica *nunca* está *só*.

A segunda parte da frase, “a fé que justifica nunca está só”, significa que há outros elementos que sempre acompanham a fé salvadora. Em especial, a fé salvadora é sempre seguida de mudanças na conduta de vida de uma pessoa. Em outras palavras, a fé salvadora jamais se apresenta sozinha em uma pessoa, visto que *algumas boas*

obras sempre acompanharão a fé salvadora na vida dela e serão observadas depois que passou a crer.

Desse modo, os reformadores sempre entenderam a expressão “só pela fé” no sentido de que a fé é o único elemento ao qual Deus reage. As doutrinas protestantes históricas, contudo, desde a Reforma, *jamais* entenderam que “só pela fé” significa que “a fé surge sozinha em uma pessoa, dissociada de outras atividades humanas” (a visão da livre graça).

A. Líderes protestantes ao longo da história têm sistematicamente discordado da posição da livre graça

Quando examinamos os textos de grandes mestres da Reforma e as confissões de fé, descobrimos um consenso no ensino de que somos justificados só pela fé, mas a fé que justifica jamais está só na vida do crente, porque a fé salvadora genuína será sempre acompanhada de boas obras que ocorrem depois da justificação. Mencionamos a seguir diversos exemplos:

1. João Calvino (1509–1564). (Calvino foi o primeiro e mais influente teólogo da tradição reformada.)

Cristo a ninguém justifica que, ao mesmo tempo, não santifique. [...] Portanto, fica evidente a veracidade da declaração de que *somos justificados não sem obras, porém, nunca por meio das obras*.¹

¹John Calvin, *Institutes of the Christian religion*, tradução para o inglês de Ford Lewis Battles (Philadelphia: Westminster, 1960), 2 vols., 3.16.1; citação também encontrada na tradução de Henry Beveridge: John Calvin, *Institutes of the Christian religion*, tradução para o inglês de Henry Beveridge (Peabody: Hendrickson, 2008), p. 523 (grifo do autor) [edições em português: João Calvino, *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols.; *A instituição da religião cristã*, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Unesp, 2008), 2 vols.].

A mensagem do evangelho deve incluir uma exortação para que as pessoas se arrependam de seus pecados? Alguém que diz ter verdadeiramente nascido de novo deve apresentar evidências de uma vida de fato transformada? Os defensores da teologia da livre graça responderiam negativamente a essas duas perguntas.

Contudo, em *Teologia da "livre graça"*, Wayne Grudem mostra que a Bíblia responde "sim" a essas duas questões, argumentando que o movimento da livre graça contradiz tanto o ensino protestante histórico quanto o próprio Novo Testamento.

Este importante livro explica a verdadeira natureza do evangelho cristão e responde à indagação que assombra tantas pessoas: "Como posso saber se sou salvo?".

A chamada "controvérsia do senhorio" ocorre já há várias décadas. Grudem responde a questões sobre esse tema com clareza e habilidade incomuns, sempre com base nas Escrituras.

John MacArthur, pastor da igreja Grace Community Church (Califórnia) e diretor do The Master's College and Seminary

A versão do evangelho de Jesus Cristo conhecida como "livre graça" é antibíblica, antievangélica e subcristã, como demonstra a análise paciente e inteligente de Wayne Grudem.

J. I. Packer, professor emérito de Teologia na Regent College (Canadá) e autor de *O Deus que nos guia e guarda*, *Força na fraqueza* e *Caminhando no poder do Espírito* (Vida Nova)

Wayne Grudem (PhD, University of Cambridge) é professor pesquisador de Teologia e Estudos Bíblicos no Phoenix Seminary. Graduado em Harvard, no Westminster Seminary e em Cambridge, é autor de mais de 20 títulos, entre eles *Teologia sistemática*, *Política segundo a Bíblia*, *Economia e política na cosmovisão cristã*, *Comentário bíblico de 1Pedro* e *A pobreza das nações*, publicados por Vida Nova.


VIDA NOVA
vidanova.com.br

 /vidanovaedicoes

 @edicoesvidanova

 @edicoesvidanova

ISBN 978-85-275-0920-6



9 788527 509206